

A NOITE EM QUE O CORPO PEDIU A PALAVRA

Por que as decisões mais graves de uma vida jamais devem ser tomadas na noite em que tudo pesa ao mesmo tempo, e o que fazer, com método e fé, no dia seguinte.

Ainor Francisco Lotério

Agrônomo, filósofo, teólogo, mestre em Gestão Pública e Diácono Permanente. Palestrante nos eixos Motivação, Cooperativismo, Comunicação, Longevidade e Agrosofia.

Há noites em que a vida inteira parece querer ser resolvida antes do amanhecer. O corpo não dorme, a respiração encurta, o pensamento acelera e, no escuro, cada assunto pendente vem se apresentar como se fosse urgente. Nessas horas, o homem sério e responsável comete o mais compreensível dos erros: tenta decidir. Tenta decidir a propriedade, a profissão, o ministério, o dinheiro, o futuro dos filhos e o próprio destino, tudo na mesma madrugada, com o organismo em alerta e a alma exposta. Este artigo nasce da observação atenta de uma dessas noites e propõe uma tese simples, quase áspera de tão evidente, que quase ninguém aplica a si mesmo: a noite difícil não é hora de decidir, é hora de reconhecer.

O ACÚMULO SILENCIOSO

Toda crise que parece súbita costuma ser, na verdade, um acúmulo que finalmente transbordou. Uma palestra sobre família, perdão e reconciliação exige do palestrante exatamente aquilo que ele oferece à plateia, e cobra depois o preço da entrega. Um reencontro inesperado remexe camadas antigas de história e de vocação. Contrariedades institucionais que vinham sendo administradas com paciência continuam ali, mesmo caladas. Um custo mensal crescente pressiona de modo silencioso. Uma notícia de fiscalização chega e aciona a sensação de que a própria terra não pertence mais a quem a cultiva. Nenhum desses fatos, isoladamente, derrubaria alguém. Somados na mesma janela de vinte e quatro horas, e sem sono para processá-los, produzem aquilo que a linguagem comum chama de ansiedade e que a experiência humana conhece como sobrecarga.

A primeira análise honesta, portanto, não pergunta o que decidir. Pergunta quantas coisas estão sendo decididas ao mesmo tempo. E a resposta quase sempre é: coisas demais, que não têm relação real entre si. O custo do sítio não depende da vida pública. A fiscalização ambiental não depende do ministério. O cansaço da noite não depende de nenhum dos dois. Quando se juntam, criam a ilusão de um problema único e gigantesco, quando na verdade são cinco problemas médios que pedem cinco respostas diferentes, em cinco tempos diferentes.

O CORPO COMO PRIMEIRA INSTÂNCIA

Antes de qualquer discernimento espiritual ou estratégico, existe uma instância que costuma ser ignorada justamente por quem mais trabalha: o corpo. Fala acelerada, insônia prolongada, respiração curta e preocupação com o coração não são sinais para serem interpretados apenas em chave simbólica. São sinais clínicos, e merecem consulta médica com a mesma seriedade com que se marca uma reunião importante. A espiritualidade madura não despreza a medicina,

ela a convoca. Quem cuida da terra sabe que não se avalia uma lavoura em dia de tempestade, e quem cuida de si deveria aplicar o mesmo critério.

A tradição cristã tem uma cena exemplar sobre isso. O profeta Elias, esgotado e querendo morrer debaixo de um junípero, não recebe de Deus um sermão nem um plano de ação. Recebe comida e sono, duas vezes. Só depois de descansado é conduzido ao monte e ao encontro com a brisa suave. A pedagogia divina, ali, é elementar e desconcertante: primeiro o corpo, depois a missão. Quem inverte essa ordem transforma discernimento em ansiedade travestida de oração.

O CRITÉRIO DA COERÊNCIA E O CRITÉRIO DO CUSTO

Quando o assunto é a terra, é preciso separar duas perguntas que vivem coladas e não são a mesma coisa. A primeira pergunta é de coerência: o que este lugar deve ser? A segunda é de custo: quanto ele consome por mês para ser o que é hoje? A confusão entre as duas gera sofrimento desnecessário, porque faz parecer que reduzir é fracassar. Não é. Um sítio vocacionado à restauração florestal, ao plantio de espécies nativas, ao silêncio e à contemplação, não precisa carregar a estrutura de uma criação animal permanente. A mata cresce sozinha depois de implantada. O animal precisa de trato todos os dias, de mão de obra, de rotina e de presença. São dois projetos distintos disputando o mesmo orçamento e a mesma energia de um homem só.

Simplificar, nesse caso, não é abandonar. É escolher. E há uma vantagem adicional pouco percebida: uma propriedade em processo declarado de restauração ambiental é uma propriedade com menos margem de conflito, não mais. A regularização deixa de ser ameaça e passa a ser documento. O que hoje é vivido como perseguição pode, com assessoria técnica adequada, tornar-se prova de conformidade. Indignação é combustível ruim para decisão patrimonial. Projeto técnico é combustível bom.

A PEDAGOGIA DA AUSÊNCIA APLICADA A SI MESMO

Quem formulou a Pedagogia da Ausência como método de sucessão e de formação conhece o princípio: há momentos em que o gesto mais educativo é a retirada temporária, porque só a ausência revela o que realmente se sustenta. O desafio, e aqui está o ponto mais delicado deste artigo, é aplicar a própria doutrina a si mesmo. Ausentar-se por quinze dias de toda decisão nova, mantendo apenas os compromissos já assumidos, não é fuga nem fraqueza. É método. É submeter as próprias urgências ao teste do tempo, para descobrir quais delas continuam de pé quando o cansaço passa.

Existe uma diferença decisiva entre pausar e parar. Pausar é honrar a agenda existente, continuar escrevendo, continuar pensando, continuar publicando, e não acrescentar nenhum compromisso novo, nenhuma venda, nenhuma renúncia, nenhuma candidatura, nenhuma carta de desligamento. Parar seria interromper a vida. Pausar é apenas suspender a assinatura de contratos existenciais durante o período em que a assinatura sairia trêmula.

DECIDIR COM QUEM CONVIVE COM A DECISÃO

Nenhuma dessas questões pertence exclusivamente a quem as sente com mais intensidade. A esposa que percebe a ansiedade antes de qualquer sintoma, os filhos que conduzem os negócios da família, as netas que herdarão a floresta plantada, todos convivem com o resultado. Convocar uma conversa familiar não significa transferir a decisão, significa ampliá-la. E há um cuidado de método: entrar na reunião com a pergunta, e não com a conclusão. Quem chega anunciando o que já resolveu não realiza um conselho de família, realiza um comunicado. O que se constrói em conselho tem sustentação; o que se comunica em noite mal dormida tende a ser revisto depois, com custo emocional maior.

A DIFERENÇA ENTRE CHAMADO E CANSAÇO

Resta a pergunta mais grave, aquela que envolve ministério e vida pública. Aqui vale um critério de discernimento clássico, presente em Santo Inácio de Loyola e em toda a tradição espiritual séria: observar de onde nasce o movimento. Decisões nascidas de consolação, de paz interior e de desejo positivo tendem a se confirmar com o tempo. Decisões nascidas de desolação, de mágoa institucional, de revolta ou de exaustão tendem a se desfazer ou a cobrar arrependimento. Não se trata de julgar o conteúdo da escolha, mas a sua origem. Sair de algo porque não se aguenta mais é diferente de ir em direção a algo porque se é chamado, ainda que o destino final seja idêntico. A diferença aparece depois, no modo como a pessoa carrega aquilo que escolheu.

CONCLUSÃO

A noite difícil cumpriu sua função, e ela não era decidir coisa alguma. Sua função era denunciar que muitos assuntos vinham sendo carregados juntos, sem revisão, por tempo demais. O dia seguinte, portanto, não precisa de heroísmo. Precisa de uma consulta médica marcada, de um prazo de quinze dias sem decisões novas, de uma conversa de família em que se pergunte antes de concluir, e de uma separação honesta entre o que é vocação e o que é apenas cansaço acumulado. Deus não costuma falar no meio do barulho. Ele fala na brisa suave, e a brisa suave só é audível para quem descansou o suficiente para escutar.

RECOMENDAÇÕES PRÁTICAS

Marcar avaliação médica ainda nesta semana, com atenção ao sono, à respiração e ao coração, antes de qualquer outra providência.

Estabelecer prazo formal de quinze dias sem decisões novas, mantendo integralmente a agenda de palestras e a produção de textos já assumida.

Separar, em folha única, o custo mensal do sítio por finalidade, distinguindo o que pertence à restauração florestal e o que pertence à criação animal e à manutenção de estruturas.

Buscar assessoria técnica para consolidar a regularização ambiental como projeto documentado, transformando exposição em conformidade.

Convocar reunião familiar com Ana Maria, Aino Manoel e Lucas Manuel, apresentando perguntas antes de conclusões.

Reavaliar o consumo de café e de estimulantes nos dias que antecedem apresentações públicas.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério nasceu em 27 de janeiro de 1961, na comunidade de Campestre, município de Vidal Ramos, Santa Catarina, filho de Érica Laurentino Lotério e de Auri Fábio Lotério, cooperativista pioneiro e figura fundadora da CRAVIL. É Engenheiro Agrônomo pela UDESC, graduado em Filosofia e em Teologia, Mestre em Gestão Pública pela UNIVALI, com especializações em Psicopedagogia, Metodologia do Ensino Superior, Gestão de Marketing e Extensão Rural. Foi extensionista rural e Diretor Estadual da Epagri/SC, Prefeito Municipal de Camboriú, assessor na ALESC e consultor da Emater/RS Ascar. É Diácono Permanente desde 2003 e apresenta o programa de rádio Alegria de Viver desde 1989. Autor dos livros Pais Frouxos, Filhos Sofredores, Pais Firmes, Filhos Felizes; Paixão pelo Cooperativismo; A Eternidade em Nós; e Um Minuto de Inspiração. Criador da Agrosofia, filosofia de vida que integra ciência agrônômica, valores humanistas, doutrina cooperativista e espiritualidade cristã, e dos conceitos de Inteligência Orientada, Ciclomotivação e Pedagogia da Ausência. Vive em Camboriú, Santa Catarina, ao lado da esposa Ana Maria Rebelo Lotério, e cultiva o Sítio Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, onde restaura espécies nativas da Mata Atlântica, entre elas o garapuvu e o ipê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. Primeiro Livro dos Reis, capítulo 19.
- FRANKL, Viktor E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- KAHNEMAN, Daniel. Rápido e devagar: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- LOTÉRIO, Ainor Francisco. A eternidade em nós. Camboriú: edição do autor.
- LOTÉRIO, Ainor Francisco. Paixão pelo cooperativismo. Camboriú: edição do autor.
- LOYOLA, Inácio de. Exercícios espirituais. São Paulo: Loyola, 2000. Regras de discernimento dos espíritos.
- SÊNECA. Sobre a brevidade da vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SELYE, Hans. Stress: a tensão da vida. São Paulo: Ibrasa, 1965.

AINOR FRANCISCO LOTÉRIO

Palestrante, Agrônomo, Filósofo, Teólogo e Diácono Permanente

www.ainor.com.br | www.loterio.com.br

Motivação | Cooperativismo | Comunicação | Longevidade | Agrosafia

Camboriú, Santa Catarina, Brasil